

Luto e Melancolia

1917

TRAUER UND MELANCHOLIE

Edições alemãs:

- 1917 • *Int. Z. ärztl. Psychoanal.*, 4 (6) 288-301.
- 1918 • *S. K. S. N.*, 4, 356-77. (1922, 2ª ed.)
- 1924 • *G. S.*, 5, 535-53.
- 1924 • *Technik und Metapsychol.*, 257-75.
- 1931 • *Theoretische Schriften*, 157-77.
- 1946 • *G. W.*, 10, 428-46.

■ **Comentários editoriais da *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud***

Como sabemos pelo Dr. Ernest Jones (1955, 367-8), Freud lhe expusera o tema do presente artigo em janeiro de 1914, e falou sobre ele perante a Sociedade Psicanalítica de Viena em 30 de dezembro daquele ano. Escreveu um primeiro rascunho do artigo em fevereiro de 1915, tendo-o submetido à apreciação de Abraham, que lhe enviou extensos comentários, entre os quais a importante sugestão de que havia uma ligação entre a melancolia e a fase oral do desenvolvimento libidinal (ver adiante, p. 109). A versão final do artigo foi concluído em 4 de maio de 1915, mas, como o anterior, só foi publicado dois anos depois.

Bem no início (provavelmente em janeiro de 1895), Freud enviara a Fliess uma elaborada tentativa de explicar a melancolia (sob cuja designação ele regularmente incluía o que agora em geral se descreve como estados de depressão) em termos puramente neurológicos (Freud, 1950a, Rascunho G).

Essa tentativa não se mostrou particularmente profícua, mas foi logo substituída por uma abordagem psicológica do assunto. Só dois anos depois encontramos um dos exemplos mais notáveis de previsão de Freud num manuscrito, também endereçado a Fliess, e trazendo o título “Notas (III)”. Esse manuscrito, datado de 31 de maio de 1897, é incidentalmente aquele no qual Freud, pela pri-

meira vez, antecipa o complexo de Édipo (Freud, 1950a, Rascunho N). O trecho em questão, cujo significado é tão condensado a ponto de ser obscuro em certas passagens, merece ser citado na íntegra:

“Os impulsos hostis contra os pais (o desejo de que morram) são também parte integrante das neuroses. Vêm à luz conscientemente como idéias obsessivas. Na paranóia, o que há de pior nos delírios de perseguição (desconfiança patológica de governantes e monarcas) corresponde a esses impulsos. São reprimidos quando a compaixão pelos pais é ativa — nas ocasiões de sua doença ou morte. Em tais ocasiões, é uma manifestação de luto recriminar-se a si próprio pela morte deles (o que se conhece como melancolia) ou punir-se a si mesmo de uma maneira histérica (por intermédio da idéia de retribuição) com os mesmos estados [de doença] que tenham tido. A identificação que ocorre aqui, como podemos ver, não passa de uma modalidade de pensar e não nos exime da necessidade de procurar o motivo.”

A aplicação à melancolia da linha de pensamento delineada nesse trecho parece ter sido deixada completamente de lado por Freud. Com efeito, ele raras vezes tornou a mencionar essa condição antes do presente artigo, salvo algumas observações num debate sobre o suicídio na Sociedade Psicanalítica de Viena em 1910 (*Edição Standard Brasileira*, vol. XI, p. 218, IMAGO Editora, 1970), quando ressaltou a importância de traçar uma comparação entre a melancolia e os estados normais de luto, declarando, contudo, que o problema psicológico em jogo ainda era insolúvel.

O que permitiu a Freud reabrir o assunto foi, naturalmente, a introdução dos conceitos de narcisismo e de ideal do Eu. O presente artigo talvez possa ser considerado um prolongamento do trabalho sobre narcisismo que Freud escrevera um ano antes (1914c). Assim como naquele artigo ele havia descrito as atividades do “agente crítico” em casos de paranóia (ver ESPI, vol. I, pp. 113 e segs.), neste ele vê o mesmo agente em atuação na melancolia. Mas as implicações deste artigo estavam destinadas a ser mais importantes do que a explanação do mecanismo de um estado patológico específico, embora essas implicações não se tornassem óbvias de imediato. O material contido aqui levou à consideração ulterior do “agente crítico” que se encontra no Capítulo XI de *Psicologia de Grupo* (1921c), *Edição Standard Brasileira*, vol. XVIII, pp. 129 e segs.; e isso, por sua vez, levou à hipótese do superego em *O Eu e o Id* (1923b) e a uma nova avaliação do sentimento de culpa.

Sob outro aspecto, este artigo exigia um exame de toda a questão da natureza da identificação. Parece que Freud se mostrou inclinado, de início, a considerá-la intimamente associada e, talvez, dependente da fase oral ou canibalística do

desenvolvimento libidinal. Assim, em *Totem e Tabu* (1912-13), *Edição Standard Brasileira*, vol. XIII, p. 170, IMAGO Editora, 1974, ele havia escrito, sobre a relação entre os filhos e o pai da horda primeva, que “no ato de devorá-lo realizavam sua identificação com ele”. E, mais uma vez, num trecho acrescentado à terceira edição dos *Três Ensaio*s, publicado em 1915, mas escrito alguns meses antes do presente artigo, descreveu a fase oral canibalística como “o protótipo de um processo que, sob a forma de *identificação*, irá depois desempenhar um papel psicológico tão importante”. No presente artigo (p. 109), fala da identificação como “uma etapa preliminar da escolha objetal (...) a primeira forma pela qual o Eu escolhe um ‘objeto’”, acrescentando que “o Eu deseja incorporar a si esse objeto, e, em conformidade com a fase oral ou canibalística do desenvolvimento libidinal em que se acha, deseja fazer isso devorando-o”.* E na realidade, embora Abraham possa ter sugerido a relevância da fase oral para a melancolia, o próprio Freud já começara a se interessar por ela, como demonstra o exame disso na anamnese do “Homem dos Lobos” (1918*b*), escrita durante o outono de 1914, na qual aquela fase desempenhou um papel proeminente. (Ver *Edição Standard Brasileira*, vol. XVII, p. 106.) Alguns anos depois, em *Psicologia de Grupo e Análise do Eu* (1921*c*), *Edição Standard Brasileira*, vol. XVIII, pp. 105 e segs., onde o tema da identificação é retomado, explicitamente em continuação ao presente exame, uma modificação do conceito anterior — ou talvez apenas um esclarecimento dele — parece surgir. A identificação, aprendemos ali, é um processo que *antecede* o investimento objetal, sendo distinta dela, embora ele ainda diga que “ela se comporta como um derivado da primeira fase, a *oral* (...)”. Esse conceito de identificação é reiteradamente ressaltado em muitos dos escritos posteriores de Freud, como, por exemplo, no Capítulo III de *O Eu e o Id* (1923*b*), onde ele escreve que a identificação com os pais “aparentemente não é, de início, a consequência ou resultado de um investimento objetal; é uma identificação direta e imediata, e se verifica mais cedo do que qualquer investimento objetal”.

O que mais tarde Freud parece ter considerado a característica mais significativa deste artigo foi, contudo, o relato do processo pelo qual, na melancolia, um investimento objetal é substituído por uma identificação. No Capítulo III de *O Eu e o Id*, argumentou que esse processo não se restringe à melancolia, mas é de ocorrência bastante geral. Essas identificações regressivas, ressaltou ele, são, em

* O termo “introjeção” não aparece neste artigo, embora Freud já o tivesse empregado, numa conexão diferente, no primeiro desses artigos metapsicológicos (ESPI, vol. 1, p. 158) acima. Quando voltou ao tópico da identificação, no capítulo de *Psicologia de Grupo* mencionado no texto, utilizou a palavra “introjeção” em vários pontos, e ela reaparece, embora não com muita frequência, em seus escritos subsequentes.

grande medida, a base do que descrevemos como o “caráter” de uma pessoa. Mas, e isso era muito mais importante, ele sugeriu que as mais antigas dessas identificações regressivas — as derivadas da dissolução do complexo de Édipo — vêm ocupar uma posição muito especial, e formam, de fato, o núcleo do supra-Eu.

Após termos utilizado o sonho como protótipo das perturbações psíquicas [*Seelenstörungen*]¹ narcísicas, iremos agora tentar esclarecer a natureza da melancolia. Para tal iremos comparar a melancolia com o afeto [*Affekt*]² que está envolvido no luto normal. Entretanto, logo de início fazemos alguns esclarecimentos a fim de evitar que se espere demais dos resultados a que poderemos chegar. A melancolia, cuja definição conceitual oscila também na psiquiatria descritiva, apresenta-se em formas clínicas tão diversas que ainda não é possível resumi-las com segurança num conjunto único — aliás, algumas formas lembram mais afecções somáticas do que psicogênicas. Além disso, nosso material resume-se apenas a um pequeno número de casos de natureza indubitavelmente psicogênica e a certas observações [*Eindrücke*]³ que qualquer pesquisador pode fazer por si. Assim sendo, temos de abrir mão da ambição de obter resultados que tenham validade geral. Nos conso-laremos com a idéia de que com avanço dos meios de pesquisa atuais é quase sempre possível encontrar algo que seja *típico*, se não para toda uma classe de afecções, ao menos para um grupo menor. Passemos, pois, ao nosso objeto.

Optamos por correlacionar a melancolia com o luto, tanto pelas semelhanças do quadro geral dessas duas condições,⁴ como pelo fato de as circunstâncias da vida que as desencadeiam coincidirem — ao menos até onde é possível observá-las. O luto é, em geral, a reação à perda de uma pessoa amada, ou à perda de abstrações colocadas em seu lugar, tais como pátria, liberdade, um ideal etc. Entretanto, em algumas pessoas — que por isso suspeitamos portadoras de uma disposição patológica — sob as mesmas circunstâncias de perda, surge a melancolia, em vez do luto. Curiosamente, no caso do luto, embora ele implique graves desvios do comportamento normal, nunca nos ocorreria considerá-lo um estado patológico e tampouco encaminharíamos o enlutado ao médico para tratamento, pois confiamos em que, após determinado período, o luto será superado, e considera-se inútil e mesmo prejudicial perturbá-lo.

A melancolia caracteriza-se psiquicamente por um estado de ânimo profundamente doloroso, por uma suspensão do interesse pelo mundo externo, pela perda da capacidade de amar, pela inibição geral das capacidades de realizar tarefas

F.1

T.2

SE.3

F.4

T.5

e pela depreciação do sentimento-de-Si [*Selbstgefühl*]⁵. Essa depreciação manifesta-se por censuras e insultos a si mesmo, evoluindo de forma crescente até chegar a uma expectativa delirante de ser punido. Entretanto, esse quadro torna-se bem mais compreensível quando comparado com o luto, o qual apresenta os mesmos traços, exceto um, a depreciação do sentimento-de-Si. De fato, afora esse aspecto, todas as outras características são iguais. O luto profundo, isto é, a reação à perda de uma pessoa amada, apresenta o mesmo estado de ânimo doloroso e a mesma perda do interesse pelo mundo exterior, salvo por tudo aquilo que relembra o falecido. Também encontramos no luto a mesma perda da capacidade de escolher qualquer novo objeto de amor — escolha que significaria substituir o objeto do luto — e um desinteresse por qualquer tipo de atividade que não esteja relacionado com a lembrança do falecido. Normalmente, todos nós aceitamos a explicação de que essa inibição e essa limitação do Eu sejam a expressão de uma entrega exclusiva ao luto, e de que, portanto, nada mais restaria disponível para outros propósitos e interesses. Na verdade, só porque sabemos explicar tão bem esse comportamento é que ele não nos parece patológico.

SE.6

Todos também concordamos de imediato com a denominação “doloroso” — que contém uma referência à dor — e é utilizada para nomear o estado de ânimo do luto. Aliás, mais adiante, quando estivermos em condições de caracterizar a dor sob o prisma da economia psíquica, veremos quanto essa comparação é apropriada e até óbvia.⁶

T.7

E no que consiste então o trabalho realizado pelo luto? Acho que não parecerá forçado apresentá-lo da seguinte forma: o teste de realidade mostrou que o objeto amado não mais existe, de modo que o respeito pela realidade passa a exigir a retirada de toda a libido das relações [*Verknüpfungen*]⁷ anteriormente mantidas com esse objeto. Contra isso ergue-se então uma compreensível oposição. Afinal, como se pode observar, de modo geral o ser humano — mesmo quando um substituto já se delinea no horizonte — nunca abandona de bom grado uma posição libidinal antes ocupada. Eventualmente, essa oposição pode vir a ser tão forte que ocorra uma fuga da realidade e o sujeito se agarre ao objeto por meio de uma psicose alucinatória de desejo (vide o artigo anterior); porém, ao final, o normal é que o respeito pela realidade saia vitorioso. Entretanto, essas exigências da realidade não são atendidas de imediato. Ao contrário, isso só ocorre pouco a pouco e com grande dispêndio de tempo e energia, enquanto, em paralelo, a existência psíquica do objeto perdido continua a ser sustentada. Cada uma das lembranças e expectativas que vinculavam a libido ao objeto é trazida à tona e recebe uma nova camada de carga, isto é, de sobreinvestimento [*Überbesetzung*]⁸. Em cada um dos vínculos vai se processando então uma pau-

T.8

latina dissolução dos laços de libido.⁹ Justificar em termos econômicos por que é tão doloroso cumprir, passo a passo, essas exigências da realidade não é fácil, embora seja curioso que a todos nós pareça tão natural e compreensível que o enlutado deva passar por esse doloroso desprazer. De qualquer modo, o que se constata é que, após completar o trabalho do luto, o Eu se torna efetivamente livre e volta a funcionar sem inibições.¹⁰

Apliquemos agora ao quadro da melancolia aquilo que sabemos sobre o luto. Numa série de casos, é evidente que também a melancolia pode ser uma reação à perda de um objeto amado. Em outras ocasiões, constata-se que a perda pode ser de natureza mais ideal, o objeto não morreu realmente, mas perdeu-se como objeto de amor (por exemplo, no caso de uma noiva abandonada). Em outros casos, ainda, consideramos razoável supor que tal perda tenha de fato ocorrido, mas não conseguimos saber com clareza o que afinal foi perdido; portanto, temos motivos para achar que também o doente não consegue nem dizer, nem apreender conscientemente o que perdeu. Esse desconhecimento ocorre até mesmo quando a perda desencadeadora da melancolia é conhecida, pois, se o doente sabe *quem* ele perdeu, não sabe dizer *o que se* perdeu com o desaparecimento desse objeto amado. Isto, portanto, nos leva a relacionar a melancolia com uma perda de um objeto que escapa à consciência, diferentemente do processo de luto, no qual tal perda não é em nada inconsciente.

No caso do luto, pudemos explicar perfeitamente a inibição e a falta de interesse a partir do que sabemos sobre o assim denominado trabalho do luto, que absorve o Eu do sujeito. Ora, de modo análogo, embora a perda que vimos ocorrer na melancolia nos seja desconhecida, podemos supor que sua conseqüência será um trabalho interior semelhante ao do luto, e, portanto, a perda explicaria a inibição também presente na melancolia. Entretanto, a inibição melancólica nos parece enigmática, porque não podemos ver o que estaria absorvendo de tal maneira o doente. Além disso, o melancólico nos mostra uma característica ausente no luto: a extraordinária depreciação do sentimento-de-Si, um enorme empobrecimento do Eu. No luto, o mundo tornou-se pobre e vazio; na melancolia, foi o próprio Eu que se empobreceu. O doente nos descreve seu Eu como não tendo valor, como sendo incapaz e moralmente reprovável. Ele faz autocensuras e insulta a si mesmo e espera ser rejeitado e punido. Rebaixa-se perante qualquer outra pessoa e lamenta pelos seus parentes, por estarem ligados a uma pessoa tão indigna como ele. O doente não chega a pensar que uma mudança das circunstâncias de vida se tenha abatido sobre ele; ao contrário, estende sua autocrítica ao passado e afirma, em verdade, nunca ter sido melhor. O quadro desse delírio de insignificância — predominantemente moral — é complementado por insônia,

SE.9

SE.10

pela recusa em alimentar-se e por um processo que do ponto de vista psicológico é muito peculiar: a pulsão que compele todo ser vivo a apegar-se à vida é subjugada.

T.11

Entretanto, seria infrutífero, tanto do ponto de vista terapêutico quanto científico, querer contradizer as acusações desses doentes contra o seu próprio Eu. De alguma maneira, eles devem ter razão e estar descrevendo algo que efetivamente corresponde ao que vêem. E de fato com algumas dessas acusações somos obrigados a concordar sem restrições. Na verdade, o doente está tão desinteressado e tão incapaz de amar e produzir quanto nos diz. Mas, como sabemos, tudo isso é secundário, é apenas a consequência do trabalho psíquico que se realiza em seu interior e que consome seu Eu — trabalho que, apesar de nos ser desconhecido, supomos ser semelhante ao do luto. Com relação a algumas outras auto-acusações, notamos que, embora o doente também pareça ter razão, ele apreende a realidade [*Wahrheit*]¹¹ de modo mais intenso e agudo do que os não-melancólicos. Quando esse tipo de doente, em uma autocrítica desmedida, se descreve como um ser humano mesquinho, egoísta, pouco sincero, sem autonomia, que sempre se empenhou em esconder as fraquezas do seu ser, ele pode, ao que sabemos, estar bastante próximo do autoconhecimento, mas nos perguntamos por que é preciso primeiro ficar doente para poder enxergar essa verdade. Sem dúvida, quem chegou a tal avaliação de si mesmo e a revela aos outros — um gênero de avaliação como a que o príncipe Hamlet aplicava a si mesmo e aos outros¹² — está doente, quer esteja dizendo a verdade, quer esteja sendo justo ou injusto para consigo mesmo. Também não é difícil perceber que não há correspondência entre a magnitude da autodepreciação e quanto ela é realmente justa. A mulher que antes era virtuosa, capaz e cumpridora dos seus deveres, na melancolia não falará melhor de si do que uma imprestável; aliás, a primeira tem mais probabilidade de ser afetada pela melancolia do que a segunda, a respeito da qual nós mesmos não teríamos nada de positivo a dizer. Por fim, também chama a atenção o fato de o melancólico não se comportar como normalmente o faria alguém que estivesse atormentado pelo profundo arrependimento e pela severa auto-recriminação. Falta ao melancólico, ou pelo menos nele não se faz perceptível, a vergonha diante dos outros, algo que, afinal, tipicamente caracteriza o estado de arrependimento e recriminação que mencionamos. Trata-se quase do contrário, há uma despudorada loquacidade que parece até derivar alguma satisfação de se auto-expor.

F.12

Portanto, o essencial não é se o melancólico tem razão, com sua sofrida autodepreciação, isto é, se sua autocrítica coincide ou não com o que as outras pessoas pensam dele. Provavelmente, ele descreve a sua situação psicológica de modo correto. Ele perdeu o auto-respeito e deve ter um bom motivo para isso. Porém, isso nos coloca diante de uma contradição, cujo enigma é difícil de resol-

ver: se partirmos da analogia com o luto, concluiremos que ele sofreu a perda de um objeto; se partirmos do que ele nos diz, afirmaremos que houve uma perda no seu Eu.

Entretanto, antes de nos ocuparmos dessa contradição, detenhamo-nos por um momento no que a afecção do melancólico nos revela sobre a constituição do Eu humano. Nesses casos, vemos que uma parte do Eu do paciente se contrapõe à outra e a avalia de forma crítica, portanto, uma parcela do Eu trata a outra como se fora um objeto. A instância crítica que nesse caso foi capaz de se separar do Eu também será, sob outras condições, capaz de demonstrar sua independência. Aliás, já suspeitávamos disso, e todas as observações subseqüentes acabaram por confirmar nossa suspeita. Assim, de fato temos bons motivos para distinguir essa instância do restante do Eu. Na realidade, o que se nos apresenta aqui é a instância comumente denominada *consciência moral* [*Gewissen*]¹³. Devemos incluí-la entre as grandes instituições do Eu juntamente com a censura que parte do consciente [*Bewusstseinszensur*]¹⁴ e com o teste de realidade [*Wahrheit*].¹⁵ Além disso, mais adiante comprovaremos que a consciência moral também pode adoecer isoladamente. O quadro da melancolia ressalta o desagrado moral para com o próprio Eu, e esse aspecto é mais saliente do que todas as insatisfações que o doente possa ter com outros aspectos: deficiências físicas, feiúra, fraqueza, inferioridade social são muito mais raramente objeto da auto-avaliação, exceção feita ao empobrecimento, tópico que se destaca entre os temores afirmados pelo doente.

Na verdade, a contradição anteriormente mencionada entre a perda do objeto e a perda ocorrida no Eu pode ser esclarecida a partir de observações relativamente fáceis de fazer. Ao ouvirmos pacientemente as múltiplas auto-recriminações do melancólico, não temos como evitar a impressão de que as mais graves acusações com frequência não se encaixam exatamente à própria pessoa, mas que — com insignificantes modificações — se aplicam perfeitamente a uma outra pessoa que o doente ama, amou ou deveria amar. Sempre que se examinam mais a fundo esses conteúdos, o doente acaba por confirmar essa suposição. Assim, tem-se nas mãos a chave para o quadro da doença: as auto-recriminações são recriminações dirigidas a um objeto amado, as quais foram retiradas desse objeto e desviadas para o próprio Eu.

A mulher que aos brados lamenta que seu marido esteja preso a uma pessoa tão incapaz como ela na verdade está acusando o marido de incapaz, seja lá o que for que ela entenda por incapaz. Entretanto, não devemos nos surpreender se encontrarmos, entre as acusações que se voltaram contra o próprio Eu, algumas auto-recriminações genuínas; elas podem estar em primeiro plano apenas para encobrir as outras e tornar impossível identificar o que realmente está em jogo.

T. 13

T. 14/SE. 15

T.16

Essas auto-recriminações têm origem nos prós e contras próprios do conflito amoroso que levou à perda do objeto de amor. Assim, o comportamento desses doentes torna-se agora compreensível: seus lamentos e queixas [*Klagen*] são acusações [*Anklagen*]¹⁶. Eles não se envergonham nem se escondem, porque tudo de depreciativo que dizem de si mesmos na verdade estão dizendo de outra pessoa; e nem de longe demonstram a humildade e submissão esperadas de pessoas supostamente tão indignas; ao contrário, comportam-se de modo extremamente incômodo, como se tivessem sido muito ofendidos e sofrido uma grande injustiça. Na verdade, esse comportamento ainda está partindo de uma constelação psíquica de rebelião, a qual, por um determinado processo, se transformou em contrição melancólica.

T.17

Podemos então facilmente reconstruir esse processo. Havia ocorrido uma escolha de objeto, isto é, o enlaçamento [*Bindung*]¹⁷ da libido a uma determinada pessoa. Entretanto, uma *ofensa real ou decepção* proveniente da pessoa amada causou um estremecimento dessa relação com o objeto. O resultado não foi um processo normal de retirada da libido desse objeto e a seguir seu deslocamento¹⁸ para

T.18

outro objeto, mas sim algo diverso, que para ocorrer parece exigir a presença de determinadas condições. O que se seguiu foi que o investimento de carga no objeto se mostrou pouco resistente e firme e foi retirado. A libido então liberada, em vez de ser transferida a outro objeto, foi recolhida para dentro do Eu. Lá essa libido não foi utilizada para uma função qualquer, e sim para produzir uma *identificação* do Eu com o objeto que tinha sido abandonado. Assim, a sombra do

SE.19

objeto caiu sobre o Eu. A partir daí uma instância especial¹⁹ podia julgar esse Eu como se ele fosse um objeto, a saber: o objeto abandonado. Desta forma, a perda do objeto transformou-se em uma perda de aspectos do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada transformou-se num conflito entre a crítica ao Eu e o Eu modificado pela identificação.

Há alguns aspectos que se podem deduzir das precondições e dos resultados envolvidos em um processo desse tipo. Por um lado, é necessário que tenha havido uma forte fixação [*Fixierung*] no objeto de amor, mas, por outro, e em contradição com esta premissa, é preciso que haja concomitantemente uma fraca resistência e aderência do investimento depositado no objeto. Para que essa contradição se torne possível, parece necessário, conforme o comentário de O. Rank, que a seleção do objeto tenha sido feita numa base narcísica, de forma que — ao se defrontar com obstáculos — o investimento de carga depositado no objeto possa regredir ao narcisismo. A partir daí a identificação narcísica com o objeto torna-se um substituto do investimento amoroso anteriormente depositado, permitindo que — apesar do conflito com o objeto de amor — não mais seja preciso renun-

ciar à relação amorosa em si. Essa substituição do amor depositado no objeto por uma identificação com o objeto é um mecanismo de grande importância nas afecções narcísicas: K. Landauer conseguiu revelá-lo recentemente no processo de cura de uma esquizofrenia (1914). Obviamente, esse mecanismo corresponde a uma *regressão* que parte de um certo tipo de escolha objetal e volta para o narcisismo original. Em outra ocasião, já havíamos demonstrado que a identificação é o estágio que antecede a escolha do objeto. Trata-se de uma primeira etapa — aliás, bastante ambivalente na sua forma de manifestação — de como o Eu escolhe os objetos. O Eu quer incorporar esse objeto e para tal, em conformidade com a fase oral, ou canibalística, do desenvolvimento da libido, deseja devorá-lo.²⁰ É a esse contexto que Abraham atribui, provavelmente com razão, a causa da recusa em alimentar-se, encontrada em casos graves de melancolia.²¹

Do ponto de vista lógico, a nossa teoria exigiria que chegássemos à conclusão de que a predisposição à afecção melancólica (ou uma parte dela) é derivada da predominância da escolha objetal do tipo narcísico. Infelizmente, essa conclusão ainda carece de confirmação por meio de investigações mais exaustivas. Como já deixei claro na introdução deste artigo, o material empírico no qual este estudo se baseia não é suficiente. Todavia, se os resultados de observações mais exaustivas vierem a coincidir com nossas atuais conclusões, poderíamos sem hesitação incluir na caracterização da melancolia a idéia de que ocorre uma regressão do investimento de carga depositado no objeto para a fase oral da libido — fase ainda pertencente ao período do narcisismo. Entretanto, na verdade, as identificações com o objeto também são comuns nas neuroses de transferência, elas constituem um mecanismo conhecido da formação dos sintomas, principalmente na histeria. Contudo, podemos ver bem a diferença entre a identificação narcísica e a histórica no fato de que, na narcísica, o investimento de carga no objeto é abandonado, ao passo que na histórica ele continua a existir e exerce um efeito que habitualmente se restringe a determinadas ações e inervações isoladas. De qualquer modo, podemos dizer que também nas neuroses de transferência a identificação é a expressão de uma comunhão que pode significar amor, mas claramente a narcísica é mais antiga que a histórica, e é por intermédio dela que podemos ter uma melhor compreensão da identificação histórica, estudada menos a fundo.²²

Portanto, a melancolia toma uma parcela de suas características emprestada do luto; a outra parcela ela retira de um processo específico de regressão, o qual parte da escolha objetal de tipo narcísico e retorna ao estado de narcisismo. Assim, a melancolia é, como o luto, uma reação a uma perda real do objeto amado. Mas, além disso, a ela se acrescenta uma condição ausente no luto normal, ou que, quando presente, o transforma em luto patológico: a perda do objeto de

SE.20

SE.21

SE.22

SE.23

T.24

T.25

F.26

amor mostra-se como uma ocasião muito excepcional para que a ambivalência que havia nas relações amorosas agora se manifeste e passe a vigorar.²³ Por isso, também nos casos em que havia uma tendência para uma neurose obsessiva, o conflito da ambivalência inerente às neuroses obsessivas confere ao luto uma forma patológica, obrigando-o [zwíngt]²⁴ a se expressar sob forma de auto-recriminações, e o próprio indivíduo passa a ser culpado da perda do objeto, isto é, de ter desejado tal perda. Essas depressões neuróticas obsessivas [zwangneurotischen]²⁵ oferecem a oportunidade de observar como, após a morte de pessoas amadas, o conflito de ambivalência atua quando não houve o concomitante recolhimento regressivo da libido próprio da melancolia. Mas, ao contrário do luto patológico, o que desencadeia a melancolia geralmente abarca mais do que uma nítida perda ocasionada pela morte. Abrange todas as situações por meio das quais os elementos opostos de amor e ódio se inseriram na relação com o objeto, ou lograram reforçar uma ambivalência já preexistente, por exemplo, situações de ofensa, negligência e decepção. Esse conflito de ambivalência, seja ele de origem mais real, ou mais constitutiva, é um dos importantes pré-requisitos para o surgimento da melancolia. Uma vez tendo de abdicar do objeto, mas não podendo renunciar ao amor pelo objeto, esse amor refugia-se na identificação narcísica, de modo que agora atua como ódio sobre esse objeto substituto, insultando-o, rebaixando-o, fazendo-o sofrer e obtendo desse sofrimento alguma satisfação sádica. A indubitavelmente prazerosa autoflagelação do melancólico expressa, como o fenômeno análogo na neurose obsessiva, a satisfação de tendências sádicas e de ódio.²⁶ Essas tendências são sempre dirigidas a algum objeto, e é por essa via que no caso elas se voltaram contra a própria pessoa. Nas duas afecções, é comum o doente conseguir, pela via indireta da autopunição, vingar-se do objeto original: após ter-se refugiado na enfermidade para não ter de lhe mostrar abertamente sua hostilidade, o sujeito tortura seus entes queridos com sua doença, pois o estado mórbido dirige-se à pessoa que desencadeou o distúrbio nos sentimentos do doente, e esta normalmente se encontra no seu círculo mais próximo. Desta forma, o investimento erótico no objeto do melancólico tem um duplo destino: em parte ele regrediu à identificação, em parte, porém, foi remetido — sob a influência do conflito de ambivalência — ao sadismo, que é o estágio de desenvolvimento mais próximo do conflito de ambivalência.

E é exatamente a presença desse sadismo que nos permite esclarecer um enigma que torna a melancolia tão interessante e tão perigosa: a tendência ao suicídio. Esta nos parecia inexplicável, pois anteriormente havíamos identificado o estado primitivo, de onde parte a vida pulsional, como sendo constituído por um grande amor do Eu por si mesmo; além disso, também tínhamos

considerado que o medo [*Angst*]²⁷ que surge quando há uma ameaça à vida corresponderia a uma quantidade de libido narcísica sendo liberada; portanto, em rigor, seria incompreensível como esse mesmo Eu tão vinculado à vida poderia concordar com sua própria autodestruição. Além disso, embora saibamos que as intenções suicidas do neurótico na verdade são impulsos homicidas antes dirigidos a outrem e que posteriormente foram redirecionados ao próprio sujeito, continua a ser incompreensível por que jogo de forças tal intenção consegue transformar-se em ação efetiva. Mas, a partir da análise da melancolia, agora se tornou claro que o Eu somente pode matar a si mesmo se conseguir, através do retorno do investimento objetal, tratar a si próprio como um objeto, isto é, se puder dirigir contra si a hostilidade originalmente destinada a um objeto, hostilidade esta que, em verdade, está no lugar [*vertritt*]²⁸ da reação original do Eu contra objetos do mundo externo (vide “Pulsões e Destinos da Pulsão”). Desta forma, embora o objeto da escolha narcísica objetal tivesse sido suprimido [*aufgehoben*]²⁹ quando houve a regressão, ao final ele mostrou-se mais poderoso do que o próprio Eu. Acrescentemos que nas duas situações opostas, a paixão extrema e o suicídio, o Eu, embora por vias totalmente diversas, acaba sendo sobrepujado [*überwältigt*]³⁰ pelo objeto.³¹

Também é sugestivo pensarmos que talvez a causa do surgimento do medo de empobrecer, algo tão característico e marcante na melancolia, igualmente resida numa regressão, neste caso num rompimento das relações do erotismo anal arrancado de suas conexões [*Verbindungen*]³² anteriores e modificado por via da regressão.

Todavia, a melancolia nos coloca ainda diversas outras questões, cujas respostas em parte nos escapam. Ela tem em comum com o luto o fato de se dissipar, após determinado período, sem deixar maiores alterações verificáveis. Ora, no caso do luto sabemos que esse tempo é necessário para a execução, passo a passo, do processo exigido pelo teste de realidade, e que, uma vez terminado esse trabalho, o Eu consegue então libertar a sua libido do jugo do objeto perdido. Talvez possamos também, no caso da melancolia, imaginar o Eu ocupado com um trabalho análogo, embora por vezes nos falte a compreensão econômica desse processo. Outro aspecto que chama atenção é a insônia que ocorre na melancolia. Ela provavelmente atesta a rigidez desse estado e a impossibilidade de realizar o recolhimento, tão necessário para o sono, dos investimentos de carga. Podemos dizer que o complexo melancólico se comporta como uma ferida aberta absorvendo de todos os lados a energia de investimento para si (a qual nas neuroses de transferência denominamos “contra-investimento”) e esvazia o Eu até seu total empobrecimento,³³ de modo que o complexo pode então facilmente resistir ao desejo de

T.27

T.28

T.29

T.30/SE.31

T.32

SE.33

dormir do Eu. Ainda outra questão é saber se há um fator — provavelmente somático e inexplicável do ponto de vista psicogênico — que faz com que regularmente esse estado se amenize à noite. A essas diversas considerações soma-se ainda outra pergunta: para produzir o quadro da melancolia é suficiente ocorrer um prejuízo de um Eu que ignora o objeto (isto é, basta uma mágoa de natureza puramente narcísica causada ao Eu), ou também algum fator tóxico capaz de causar um empobrecimento na libido do Eu pode produzir diretamente determinadas formas dessa afecção?

A mais curiosa e ainda inexplicada peculiaridade da melancolia é sua tendência de se transformar no estado sintomaticamente oposto da mania. Como se sabe, isto não acontece com todos os casos de melancolia. Alguns casos apresentam recidivas periódicas, com intervalos nos quais não se apresenta nenhuma mania ou só uma nuance muito tênue de mania. Outros apresentam aquela alternância regular de fases melancólicas e maníacas que foi denominada insanidade cíclica. Se o trabalho psicanalítico não tivesse conseguido resolver e influenciar terapêuticamente diversos desses casos patológicos, até poder-se-ia ficar tentado a excluí-los da visão psicogênica; porém, a partir de nossos resultados, não só é permitido, mas mesmo necessário, estender nossa teorização psicanalítica da melancolia também aos casos de mania.

Eu não posso prometer que o resultado dessa ampliação seja plenamente satisfatório, pois, afinal, trata-se de uma primeira tentativa de nos situarmos. Podemos aqui contar com dois pontos de apoio: com as observações psicanalíticas ou com a experiência geral que se tem com a economia psíquica desses casos. Quanto às observações, diversos outros pesquisadores da psicanálise já expressaram que a mania teria o mesmo conteúdo que a melancolia, que as duas afecções lutariam contra o mesmo “complexo”, porém, no caso da melancolia, o Eu provavelmente foi subjugado pelo complexo, enquanto na mania o Eu dele se assenhoreou [*bewältigen*]³⁴ ou mesmo o desalojou. Nosso outro ponto de apoio reside na experiência de que todos os estados característicos e prototípicos da mania, tais como a alegria, a exultação e o triunfo, apresentam as mesmas configurações em sua economia psíquica. Do ponto de vista econômico, constata-se que um grande esforço psíquico, que já vem sendo longamente sustentado, ou que é constantemente produzido, em algum momento tornou-se supérfluo, deixando uma quantidade de energia disponível para múltiplas utilizações e para diversas formas de escoamento [*Abfuhr*]³⁵. Por exemplo: quando um pobre-diabo ganha subitamente muito dinheiro e deixa de ter a preocupação crônica com o pão de cada dia, ou quando uma longa e cansativa luta é afinal coroada de êxito, ou ainda

SE.34

T.35

quando se logra subitamente eliminar uma compulsão opressiva, ou nos casos em que uma dissimulação longamente mantida se torna desnecessária, enfim, nas mais diversas situações desse tipo. Todas elas se caracterizam por uma excelente disposição de ânimo, por sinais de descarga [*Abfuhr*] da alegria e por uma disposição aumentada para todos os tipos de ações, exatamente como na mania, e em total contraste com a depressão e inibição da melancolia. Pode-se dizer que a mania nada mais é do que um triunfo desse tipo, só que, tal como na melancolia, também fica ocultado do Eu o que ele afinal esse Eu venceu e superou e por que está tão triunfante. A embriaguez alcoólica — desde que uma embriaguez eufórica — pertence ao mesmo tipo de estado e pode ser explicada da mesma forma: provavelmente se trata da suspensão — buscada por meio de um tóxico — do esforço necessário para sustentar um recalque. A opinião do leigo freqüentemente supõe que nesse estado maníaco se fica tão disposto ao movimento e à atividade porque se está “tão bem-humorado”. É preciso desfazer essa falsa associação. Na realidade, apenas foi preenchida, no âmbito psicológico, a condição econômica acima descrita, e é por isso que se fica tão bem-humorado e tão desinibido no agir.

Em conjunto,³⁶ a impressão derivada de observações psicanalíticas e a dimensão econômica da psique permitem-nos concluir que na mania o Eu deve ter superado a perda do objeto (ou o luto pela perda, ou talvez o objeto mesmo), tornando então novamente disponível todo o montante de carga de contra-vestimento que o doloroso sofrimento da melancolia havia retirado do Eu e enlaçado e fixado. O maníaco nos demonstra de forma nítida sua libertação do objeto que o fazia sofrer, partindo como que esfomeado em busca de novas oportunidades para depositar em outros objetos as cargas de investimento liberadas.

Entretanto, embora essa nossa explicação soe plausível, ela é pouco precisa e remete a outras novas questões e dúvidas às quais não estamos em condições de responder. Apesar disso, não nos furtaremos de ao menos discutir esses pontos, embora não se deva esperar que cheguemos a esclarecer essas perguntas.

Coloquemos então uma primeira questão: no luto normal também se supera a perda do objeto e — enquanto dura o trabalho de luto — todas as energias do Eu também são absorvidas. Por que então, findo o luto, não se cria nada semelhante à condição econômica que encontramos na mania, tão propícia à entrada em uma fase do triunfo? Penso ser impossível neste momento responder a esta questão. Aliás, ela nos mostra que nem ao menos sabemos dizer por que meios econômicos o luto realiza sua tarefa. Todavia, podemos elaborar uma suposição que talvez nos ajude: cada vez que surgem as lembranças e as inúmeras situações de expectativa que mostram quanto a libido ainda está vinculada ao objeto perdido, a realidade logo se apresenta com o veredicto de que o objeto não mais

T.37

F.38

existe; assim, o Eu é por assim dizer confrontado com a questão de se deseja partilhar o destino desse objeto; entretanto, em face das inúmeras satisfações narcísicas que a vida propicia, o Eu acaba persuadido a ir dissolvendo seus liames [*Bindung*] com o objeto aniquilado. Poderíamos então imaginar, talvez, que esse desligamento [*Lösung*]³⁷ do objeto ocorra tão lentamente e tão passo a passo que, com o término do trabalho, toda a energia mobilizada para realizá-lo tenha sido empregada e se dissipado.³⁸

Seria tentador buscar nessas suposições a respeito do trabalho do luto uma descrição que também sirva para o trabalho melancólico, mas, logo de início, uma questão se coloca: até agora, no caso da melancolia, quase não levamos em consideração o ponto de vista tópico, não nos perguntamos onde se processa o trabalho da melancolia, entre quais sistemas e em qual ou quais deles ele ocorre. Além disso, outra pergunta se impõe: que aspectos do processo psíquico da melancolia continuam a operar tanto sobre os investimentos objetivos inconscientes já abandonados, quanto sobre os substitutos constituídos no Eu por via da identificação?

SE.39

É tão fácil dizer e escrever que “uma representação mental inconsciente (da coisa) do objeto³⁹ está sendo abandonada pela libido”, que às vezes nos esquecemos de que na verdade essa representação mental é composta de incontáveis impressões isoladas (vestígios inconscientes delas), e de que o processo de recolher a libido não tem como ser algo momentâneo, mas, ao contrário, como no luto, é um processo que só progride paulatinamente. Também não é simples saber se ele começa ao mesmo tempo em diversos pontos, ou se segue uma seqüência determinada, pois nas análises pode-se constatar com freqüência que ora esta, ora aquela lembrança é ativada, e que as queixas, embora pareçam sempre iguais e sejam até cansativas de tão monótonas, na verdade cada vez estão se originando de outra motivação inconsciente. De qualquer modo, quando o objeto não tiver um significado — reforçado por milhares de elos — que o torne tão fundamental para o Eu, sua eventual perda não será suficiente para causar nem luto, nem melancolia. Portanto, devemos atribuir a retirada tão minuciosa de libido, tanto no luto como na melancolia, às mesmas razões, isto é, nos dois casos provavelmente o processo se apóia nas mesmas condições econômicas e serve às mesmas tendências.

A melancolia, porém, como já vimos, contém um elemento a mais do que o luto normal. Nela, a relação com o objeto não é simples, há o elemento complicador que é o conflito da ambivalência. Essa ambivalência ou é constitucional — presente em qualquer relação amorosa que esse Eu venha a ter — ou deriva-se justamente de experiências que implicam uma ameaça de perda do objeto. Por isso as

causas da melancolia podem ultrapassar em muito as do luto, que, via de regra, só é desencadeado pela perda real, pela morte do objeto. Portanto, na melancolia, se tece em torno do objeto uma rede de inúmeros embates isolados — nos quais o amor e o ódio se enfrentam —, um para desatar a libido do objeto, o outro para defender essa posição da libido contra o ataque. Só podemos imaginar que esses embates isolados estejam situados no sistema *Ics*, onde reinam os vestígios de lembranças-de-coisa [*sachlichen Erinnerungsspuren*]⁴⁰ (em contraposição aos investimentos depositados nas palavras). É exatamente no *Ics* que também no luto transcorrem as tentativas de desligamento do objeto, embora no luto não haja obstáculos a que esses processos prossigam pela via normal através do *Pcs* até a consciência. Contudo, esse caminho está bloqueado para o trabalho da melancolia, devido a diversas causas, ou à confluência simultânea de todas elas. Sabemos que a ambivalência constitutiva faz parte do recalado e também que as experiências traumáticas vividas com o objeto podem alcançar vários elementos recalados. Assim, de qualquer modo, tudo nesses embates ambivalentes permanece fora do alcance da consciência, pelo menos enquanto não ocorrer o desfecho característico da melancolia. Como sabemos, ele consiste em que o investimento de libido que está sendo ameaçado finalmente abandone o objeto, para se retrair ao mesmo local no Eu de onde inicialmente havia partido. Ao fugir para o interior do Eu, o amor pode então escapar de ser suprimido [*aufgehoben*]⁴¹. Só após essa regressão da libido é que o processo pode tornar-se consciente e se faz representar na consciência como um conflito entre uma parte do Eu e a instância crítica.

Entretanto, a consciência não tem acesso nem à parte essencial do trabalho da melancolia, nem àquela à qual podemos creditar a influência sobre a resolução do sofrimento. Vemos que o Eu se autodeprecia e se enfurece consigo mesmo, mas compreendemos tão pouco quanto o doente aonde isso levará e como poderia ser mudado. Na medida em que é fácil encontrar uma analogia essencial entre o trabalho da melancolia e o do luto, poderíamos atribuir esses fenômenos à parte inconsciente do trabalho da melancolia: afinal, da mesma forma que o luto compele o Eu a desistir do objeto, declarando-o morto e oferecendo ao Eu o prêmio de continuar vivo, também cada um dos conflitos de ambivalência afrouxa a fixação da libido ao objeto, desvalorizando-o, rebaixando-o, como que matando-o a pancadas. É possível que o processo chegue ao fim no *Ics*, seja depois de a raiva ter-se esgotado [*ausgetobt*]⁴², seja depois de o objeto ter sido abandonado como não tendo valor. Não sabemos nem qual dessas duas possibilidades mais frequentemente põe termo à melancolia, nem como esse encerramento influencia o transcorrer posterior do caso. Talvez nesse processo o Eu acabe por desfrutar a satisfação de poder considerar-se melhor e superior ao objeto.

T.40

T.41

T.42

Todavia, ainda que fiquemos com essa concepção do trabalho melancólico, ela não nos propicia a explicação que buscávamos. Nossa expectativa de podermos explicar a precondição econômica que leva ao surgimento da mania logo após o término da melancolia calcava-se na ambivalência que predomina na melancolia. Embora possamos até nos basear em analogias com diversas outras áreas para sustentar nossos argumentos, existe uma objeção à qual temos de nos dobrar. Dos três pré-requisitos da melancolia — perda do objeto, ambivalência e regressão da libido de volta ao Eu —, reencontramos os dois primeiros também nos casos clínicos em que só há algo que compele e obriga [*Zwang*] a auto-recriminações após a morte. Nesses casos, é indubitavelmente a ambivalência que representa a força motora do conflito, e a observação nos mostra que depois da resolução desse tipo de luto não se manterá nada de semelhante ao triunfo de uma disposição maníaca. Assim sendo, somos remetidos ao terceiro fator como sendo o único efetivo. O acúmulo das cargas de investimento inicialmente presas e enlaçadas [*gebunden*], e que são liberadas após o término do trabalho melancólico, certamente está relacionado com a regressão da libido ao narcisismo e deve ser o elemento que torna possível a mania. O conflito no interior do Eu — que na melancolia substituiu a luta anterior para conquistar o objeto — deve ter um efeito semelhante a uma ferida dolorosa que exige um contra-investimento de carga excepcionalmente alto. Mas, infelizmente, chegou o momento em que teremos de interromper e adiar de novo a discussão sobre a mania, pois, enquanto não tivermos uma melhor compreensão da natureza da economia psíquica da dor, tanto na dimensão física como na que lhe é análoga na esfera psíquica,⁴³ não poderemos prosseguir. Mas, enfim, já estamos acostumados com fato de que o contexto dos intrincados problemas psíquicos com os quais lidamos sempre nos obriga a deixar inconclusas cada uma das nossas investigações e a aguardar até que algum outro novo estudo nos possa fornecer resultados que nos permitam retomá-las.⁴⁴

SE.43

SE.44

F: notas de Freud

SE: notas da *Standard Edition*

T: notas do tradutor brasileiro

■ 1 *Seelenstörungen*, “perturbações psíquicas”; Alt.: “perturbações anímicas”; Obs.: No contexto psicanalítico de época o termo *Seele* não continha aspectos que remetessem de imediato ao sentido de “alma”, seu uso era na acepção de “psique”, Freud empregava o termo e ocasionalmente mencionava que seu sinônimo era a palavra “psique”, bem como criou termos técnicos tais como *Seelenapparat* e *Seelenstörungen* que equivalem à “aparelho psíquico” e à “transtornos ou perturbações psíquicas” e não à “aparelho d’alma” ou à “transtornos d’alma”; igualmente o termo alemão “*Seelenarzt*” era empregado correntemente como “psiquiatra” e não como “médico d’alma”.

■ 2 *Normalaffekt*, “afeto normal”; Obs.: Embora o termo *Affekt* frequentemente se refira a um excesso de afeto que está fora de controle, aqui se refere uma qualidade de emoção, isto é a “afeto” na acepção mais descritiva e técnica.

■ 3 *Eindrücke*, “observações”; Alt.: “impressões”; Obs.: Literalmente se trata de impressões, mas no sentido de impressões obtidas a partir de observações, a tradução literal em português entraria em contradição com a idéia de que são elementos disponíveis e acessíveis a qualquer observador, e não “impressões” na acepção de sensações subjetivas singulares.

■ 4 [Abraham, a quem devemos o mais importante dos estudos analíticos sobre a matéria, entre os poucos existentes, também partiu dessa comparação (1912). [O próprio Freud já tinha observado essa correlação em 1910 e mesmo antes. (Cf. Comentário Editorial, pp. 99-102.)]

■ 5 *Selbstgefühl*, “sentimento-de-Si”; Alt.: “auto-conceito”, “auto-estima”; Obs.: Preferiu-se aqui a tradução por “sentimento-de-Si”, pois auto-estima tem um sentido mais estreito; *Selbstgefühl* abarca todo o modo como o sujeito se percebe, talvez mais próximo do termo “autoconceito”, entretanto, o termo alemão também contém a palavra *Gefühl* (sentimento) que ressalta verbo “sentir” e os afetos em jogo.

■ 6 [EPSI, Vol. 1, p. 178 e nota 6.]

■ 7 *Verknüpfungen*, “relações”; Alt.: “conexões”, “articulações”; Conot.: refere-se a interligações mediadas por nós (*Knoten*), isto é por “entrelaçamentos” que “articulam” as “relações”; Obs.: Este termo ressalta o modo freudiano de conceber a psique como rede entrelaçada de conexões que se entrecruzam e ao longo da qual transitam e se deslocam as energias, tanto do ponto de vista dinâmico, tópico, econômico, como funcional e material; Obs.: Não confundir com *Bindung* e *gebunden*, nota 17.

■ 8 *Überbesetzung*, “sobreinvestimento”; Alt.: “hiper-catexia”, “sobreinvestimento de carga”; “Über-” (sobre/super/supra) e “-besetzung” (investimento). A respeito do

T.1

T.2

T.3

F.4

T.5

SE.6

T.7

T.8

termo *Besetzung*; Sign. 1: do verbo *besetzen*, refere-se à ação de “carregar”, “preencher”, “ocupar”, “colocar”, “aplicar sobre”; “depositar”; Sign. 2: *Besetzung* pode se referir tanto à ação como ao conteúdo que está sendo depositado; Conot.: evoca a reversibilidade e mobilidade da ação; Obs. 1: alternou-se neste volume a tradução do termo *Besetzung* com os termos “investimento”, “carga de investimento”, “investimento de carga” e eventualmente “carga”; Obs. 2: O termo *Überbesetzung* refere-se a colocação de uma camada de carga adicional por sobre a camada anteriormente já depositada, daí a opção pelo termo “sobreinvestimento”; DCAF.

SE.9

■ 9 [Esse conceito parece já ter sido expresso em *Estudos sobre a Histeria* (1895a): um processo semelhante àquele citado acima é descrito perto do início da “Discussão” do caso “Fräulein Elisabeth v. R.”.]

SE.10

■ 10 [Os aspectos econômicos desse processo serão examinados adiante, pp. 113-14.]

T.11

■ 11 *Wahrheit*, “realidade”; Alt.: “verdade”; Conot.: o termo “verdade” em alemão se superpõe ao sentido de “realidade” e neste contexto corresponde mais à “realidade que de fato se constata”, a tradução por “verdade” daria o falso entendimento de que o sujeito apreende algo que estava escondido.

F.12

■ 12 [“*Use every man after his desert, and who shall scape whipping?*”, *Hamlet*, Ato II, Cena II.]

T.13

■ 13 *Gewissen*, “consciência moral”; Obs.: Diferente do termo *Bewusstsein*, “consciência” (na acepção de ter ciência ou estar ciente); DCAF.

T.14

■ 14 *Bewusstseinszensur*, “censura que parte da consciência”; Alt.: “censura da consciência”

SE.15

■ 15 [Vide artigo anterior, pp. 87 s.]

T.16

■ 16 *Anklagen* “acusações”; Obs.: Freud faz aqui um jogo de palavras, algo, que forçando um pouco os termos, em português seria: “suas reclamações são acusações”

T.17

■ 17 *Bindung*, “enlaçamento”, do verbo *binden*; Alt.: “ligação”; Sign.: “atar”, “amarar”, “prender”, “atar”. Obs. 1: não tem a acepção de “interligado”, “vinculado”, ou “interconectado” tal como ocorre com *Verbindung* e *Verknüpfungen* (ver notas 7 e 37). Obs. 2: A energia pulsional ou investimento pode se enlaçar a uma função, a uma imagem (representação) ou a um afeto; aqui, trata-se da representação. Freud emprega o termo em diversos contextos: para descrever aglomerados em que pulsão-afeto-imagem estão “enlaçados” formando uma unidade dotada de um sentido básico, bem como para descrever as cadeias ou as redes associativas, nas quais os elementos estão *gebunden* (amarrados entre si) e dotam uma experiência de sentido. *Binden* também está envolvido no processo de fixação, por meio da repetição de experiências e do aumento de intensidade — aqui neste trecho a *Bindung* da libido ressalta a idéia de que a libido é aderida, grudada, atada, enlaçada depositando-se assim em certo objeto, embora em alemão se empregue também *Bindung* como laço ou ligação afetiva que se tenha com outras pessoas, aqui este laço afetivo está explicitado na

sua forma metapsicológica calcando-se em uma energia “aprisionada” a uma representação do objeto; DCAF.

■ 18 *Verschiebung*: “deslocamento”; Sign.: do verbo *verschieben*; o substantivo remete a algo que desliza ou é deslizado em outra direção por vias aplainadas, de pouca resistência; Conot.: o deslizamento das partes vai reconfigurando o conjunto, eventualmente deformando-o em seu sentido. Obs.: No contexto freudiano o termo reforça a idéia de uma rede interligada de pontos ao longo da qual ocorre o deslizar de pequenas quantidades de energia das cargas de investimento que preenchem ou ocupam as representações dos objetos, nota 7; DCAF.

■ 19 [Essa palavra não aparece na primeira edição (1917).]

■ 20 [ESPI, vol. 1, p. 161. Cf. também os “Comentários Editoriais”, ESPI, vol. 1, pp. 133-5.]

■ 21 [Abraham foi o primeiro a chamar a atenção de Freud para essa suposição, em sua carta de 31 de março de 1915. (Cf. Freud, 1965a, p. 208.)]

■ 22 [O tema inteiro da identificação é novamente examinado por Freud no capítulo VII de *Psicologia das Massas* (1921c), *Studienausgabe*, vol. 9, p. 98. Um exame anterior da identificação histórica pode ser encontrado em *A Interpretação dos Sonhos* (1900a), *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 165-6.]

■ 23 [Grande parte do que se segue aqui é exposto mais detalhadamente no capítulo V de *O Eu e o Id* (1923b).]

■ 24 *zwingt*, “obrigando”; Alt.: “forçando”, “coagindo”; Obs.: aqui se ressalta o aspecto de força coercitiva nos quadros de *Zwangneurose* (neuroses obsessivo-compulsivas), ver nota 25 abaixo.

■ 25 *zwangsneurotischen*, (adj.) “neuróticas obsessivas”; Alt.: “neuróticas compulsivas”; Sign.: “neuróticas com caráter de coerção” ou “de coação”; Conot.: *Zwang* é algo que “obriga” ou “força” e é exterior, “coação”, “obrigatoriedade”, “coerção”; Obs. 1: Devido às tradições da terminologia médica da época o termo *Zwang*, que compõe a palavra *Zwangneurose*, “neurose compulsiva” ou “neurose obsessiva”; foi traduzido preferencialmente por “obsessão” em inglês e “compulsão” em francês”, eventualmente também “obsessão” em francês, entretanto, em português os dois termos não correspondem ao sentido alemão de *Zwang*; pois a palavra “compulsão”, em português, remete a uma vontade irrefreável, e a palavra “obsessão” refere-se a uma idéia fixa e persecutória; Obs. 2: em alemão o *Zwang* (“coerção”) ao qual o neurótico é submetido ressalta o conflito entre a vontade do neurótico e uma força avassaladora (*Zwang*) percebida como se fosse [fremd] “externa” e “alheia” ao sujeito e na qual ele não se reconhece percebida como se fosse “externa” e “alheia” que se impõe ao sujeito; DCAF.

■ 26 [Quanto à distinção entre os dois, ver o artigo “Pulsões e Destinos da Pulsão” [(1915c), ESI, vol. I, pp. 160-2].]

T.18

SE.19

SE.20

SE.21

SE.22

SE.23

T.24

T.25

F.26

T.27

■ 27 *Angst*, “medo”; Alt.: “angústia”, “ansiedade”; Sign.: *Angst* significa literalmente “medo”; Conot.: *Angst* evoca uma prontidão reativa ante o perigo. Obs. 1: Strachey em nota no vol III, ESB, p. 113. menciona que a palavra alemã *Angst* corresponderia a *fear* ou *fright*, mas que adotou em sua tradução o termo consolidado na psiquiatria inglesa de *anxiety*. No francês adotou-se um termo também já tradicional na psicopatologia francesa de época, *angoisse*. Em português, seguindo-se a tradição inglesa ou francesa, utiliza-se habitualmente “ansiedade” ou “angústia”; na presente tradução, por motivos apresentados no capítulo sobre os critérios que nortearam a tradução, vol. I, ESPI, pp. 27-36, será mantida a nomenclatura dos quadros clínicos já consolidada na terminologia psicanalítica brasileira de inspiração francesa (por exemplo “histeria de angústia”), todavia as ocorrências isoladas da palavra *Angst*, serão traduzidas por “medo” quando esse parecer ser o termo mais adequado, sempre informando-se o leitor de que palavra se trata no alemão; Obs. 2: Freud alterna a designação de *Angsthysterie* com *Phobie* (“fobia”), os sintomas que Freud descreve nos casos que designava de *Angstneurose* correspondem ao quadro hoje descrito como “síndrome do pânico”, exemplos que ilustram bem a relação de *Angst* com o medo; mais sobre as discussões de Freud sobre o tema, bem como sobre a tradução de *Angst*, *Furcht* e *Schreck* e dos termos derivados e compostos em DCAF e nos Comentários do Editor Brasileiro, que antecedem o próximo texto deste volume, pp. 125-134.

T.28

■ 28 *vertritt*, “está no lugar de”; Alt.: “representa”; Obs.: A tradução de “representação” cria grandes dificuldades de entendimento, pois refere-se a diferentes palavras do alemão que infelizmente têm sido todas traduzidas pelo mesmo termo “representação” para evitar a ambigüidade do termo latino “representar” que em português significa além de “estar no lugar de”, também “ilustrar”, “corporificar”, “apresentar”, “reproduzir mentalmente”, optou-se por deixar claro que se trata aqui de “substituir”, “ficar no lugar de”, DCAF.

T.29

■ 29 *aufgehoben*, “retiradas”; Alt.: “suspensas”, “suprimidas”, “canceladas”, “levantadas”; Obs.: Não se trata do sentido filosófico do termo na dialética hegeliana, mas de algum empecilho que é “levantado”, expressa em geral a idéia de uma “suspensão” que poderá ser provisória.

T.30

■ 30 *überwältigt*, “sobrepuja”; Obs.: Os diversos termos compostos com o radical *-walten* (reinar, exercer soberania, vigiar) reforçam a trama de termos que Freud emprega para descrever os diferentes momentos no conflito psíquico entre as pulsões e os campos tópicos e dinâmicos indicando que nunca há um domínio absoluto ou uma resolução por parte do Eu, mas apenas formas de “lidar” e eventualmente “prevaler sobre” ou “sobrepujar” os avassaladores (*überwältigenden*) estímulos pulsionais, nota 34.

SE.31

■ 31 [Reflexões posteriores sobre o tema do suicídio encontram-se em *O Eu e o Id* (1923b), capítulo V, bem como nas últimas páginas do artigo “O Problema Econômico do Masoquismo” (1924c).]

■ 32 *Verbindung*, “conexão”; Alt.: “ligação”, “interligação”; Conot.: ressalta a interligação, contato ou conexão, de natureza física ou neste caso principalmente funcional; Obs.: Não confundir com *Bindung* e *gebunden*, nota 17.

■ 33 [Essa comparação com uma ferida aberta já aparece (ilustrada por dois diagramas) na bastante obscura Seção VI das primeiras notas de Freud sobre a melancolia (Freud 1950a, manuscrito G, provavelmente escrito em janeiro de 1895). Ver também os “Comentários Editoriais”, atrás, p. 99.]

■ 34 *bewältigen*, “prevaler”; Alt.: “lidar”, “dominar”, “elaborar”; Sign.: “lidar”, “dar conta de”; Conot.: o termo se diferencia de “dominar” pois enfatiza algo cuja resolução não é obter o domínio na aceção de controle absoluto, mas a ação de saber “enfrentar” ou “lidar com”, portanto, mais coerente com a concepção de Freud a respeito da impossibilidade de se dominar algo tão avassalador como as excitações emanadas das fontes pulsionais, neste trecho significa “obter alguma soberania”, “assenhorar-se”; DCAF.

■ 35 *Abfuhr*, “escoamento” Alt.: “descarga”, “remoção” ou “retirada”; Conot.: embora a tradução consolidada em português seja “descarga”, esta enfatiza a idéia de um movimento abrupto de “rajada” ou “disparo”, geralmente ausente do termo freudiano que evoca a algo como “conduzir”, “remover”, “reencaminhar para fora”, descrevendo um movimento processual; Obs. 1: Devido à diferença de conotação preferiu-se empregar geralmente o termo “remoção”; mas nesse trecho optou-se por “escoamento” e a seguir “descarga”, Freud fala a seguir de diversos tipos de “descarga” *Abfuhr*, em geral elas são uma combinação da remoção interna (*innere Abfuhr*) ligada ao processamento psíquico e pensamento com a remoção externa (*äussere Abfuhr*), que é motora (mímica, fala, gestos, etc.) que pode ou não ser abrupta. Obs. 2: Outros termos empregados por Freud como equivalentes a *Abfuhr* são: *entladen*, “descarregar” na aceção de “esvaziar” *Ableitung*, “escoamento”; *Dränierug*, “drenagem”, ressaltando que há também um importante aspecto processual e gradual da *Abfuhr* na metapsicologia; DCAF.

■ 36 [A “impressão psicanalítica” e a “experiência econômica geral”.]

■ 37 *Lösung*, “desligamento”; Alt.: “dissolução dos liames”; Obs.: Trata-se de um termo que Freud ocasionalmente emprega como equivalente a *Entbindung*, “liberação”, “desligamento”. Obs.: *Entbindung* é antônimo de *Bindung* (ligação ou aprisionamento), nota 17.

■ 38 [Até agora, o aspecto econômico recebeu pouca atenção nos escritos psicanalíticos. Saliente-se como exceção o artigo de V. Tausk “Desvalorização do Motivo do Recalque por Meio de Recompensa” (1913).] T. Sobre a “representação-de-coisa-do-objeto”, ver notas 112 e 113, p. 73 e pp. 49 e 50.

■ 39 [Cf. “O Inconsciente” (1915e), p. 49 e nota 111.]

■ 40 *sachlichen Erinnerungsspuren*, “vestígios de lembranças-de-coisa”; Sobre *Spur*, “vestígios” Alt.: “traço”, “pista”, “rastros”, “marca”, “resto”; Sobre *Erinnerung*, “lembrança”

T.32

SE.33

T.34

T.35

SE.36

T.37

F.38

SE.39

T.40

Alt.: “recordação” ou “memória”. Obs.: aqui Freud se refere a “lembrança” isto é, aos conteúdos, às imagens, ou melhor aos traços de imagens (visuais, auditivas, olfativas, sensoriais em geral); *Sache*, “coisa”; sobre o sentido de *Sache* em Freud ver neste volume, nota 110, no artigo “O Inconsciente”.

T.41

■ 41 *aufgehoben*, ver nota 29 sobre *aufheben*, quanto ao termo “suprimido”, não se trata do termo utilizado freqüentemente como tradução de *unterdrückt*, para o qual nesta tradução foi adotado “reprimir”, ver a respeito, nota 40, p. 66.

T.42

■ 42 *ausgetobt*, “exaurido”; Obs.: Literalmente significa deixar crianças ou animais se cansarem de tanto pular, espernear, brincar, enfim manifestarem-se louca e intensamente. Poderia também ter sido traduzido por “descarregado”, contudo, na acepção de ter gasto toda energia. Freud também se refere às vezes à transferência do neurótico como um *playground* onde as neuroses podem gastar toda sua energia.

SE.43

■ 43 [Vide ESPI, vol. I, p. 178 e nota 6.]

SE.44

■ 44 [Nota acrescentada em 1925: Ver a continuação do problema da mania em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921c) [*Studienausgabe*, vol. 9, pp. 121-4].]

COORDENAÇÃO GERAL DA TRADUÇÃO:

Luiz Alberto Hanns

1915-1920

VOLUME II

OBRA S PSICOLÓGICAS DE



SIGMUND

Freud

Escritos sobre a
Psicologia do
Inconsciente

O Inconsciente (1915)

Suplemento Metapsicológico à Teoria dos
Sonhos (1917)

Luto e Melancolia (1917)

Além do Princípio de Prazer (1920)



IMAGO

Os títulos originais dos diversos trabalhos do presente volume estão referidos nas Notas do Editor Inglês (James Strachey), que os precedem.

Copyright under the International and Pan American Conventions.

© Portuguese Translation by IMAGO EDITORA 1969 — All rights reserved.
© James Strachey — Annotations, editorial matter and arrangements 1969.

Projeto Gráfico:
LUCIANA MELLO E MONIKA MAYER

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

F942e Freud, Sigmund, 1856-1939
v. 2 Escritos sobre a psicologia do inconsciente, volume II: 1915-1920 / Sigmund Freud; [coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns; tradutores Claudia Dornbusch... [et al.]; colaboradores das notas Binet, Bion, Griesinger e Lacan, Luiz Carlos Junqueira, Chaim Katz e Sonia Alberti; consultores da teoria da tradução João Azenha Jr. E Susana Kampff Lages]. — Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006.
232 pp. (Obras psicológicas de Sigmund Freud; v. 2)

Conteúdo: O inconsciente (1915) — Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos (1917) — Luto e melancolia (1917) — Além do princípio de prazer (1920)
Inclui bibliografia
ISBN 85-312-0963-3

1. Psicanálise. 2. Inconsciente (Psicologia).
I. Hanns, Luiz Alberto. II. Título. III. Série.

05-2833. CDD — 150.1952
CDU — 159.964.2

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo foto-mecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Editora.

2006

IMAGO EDITORA
Rua da Quitanda, 52/8º andar — Centro
20011-030 — Rio de Janeiro-RJ
Tel.: (21) 2242-0627 — Fax: (21) 2224-8359
E-mail: imago@imagoeditora.com.br
www.imagoeditora.com.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil